

## Por uma História Local: relatos de experiência na formação do docente em História

*For a Local History: Experience reports in teacher education in History*

Luciana Meire Gomes Reges

 <https://orcid.org/0000-0002-1284-8979>

Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** Este estudo tem como locus a disciplina de Estágio Supervisionado II -Ação Educativa Patrimonial, do curso de Licenciatura em História, e os enlaces que a mesma possui com a História Local. Objetiva-se, analisar os mecanismos que entrecruzam a teoria e a prática na abordagem da História Local, por meio da problematização dos relatos de experiência do professor Gustavo D'Almeida Lobo (Departamento de História – Fafidam/UECE), que tem como mote metodológico o recorte temporal os anos de 2010 a 2020, período em que o docente exerceu atividades educativas no ensino superior. Para isso, é considerado basilar constituir análises sobre a relação entre prática e teoria, possibilitando construir análises sobre a História Local como proposta desafiadora para o Ensino de História. Os relatos de um decano de experiências possibilitam perceber em que medida o local se relaciona com outras experiências históricas, podendo ser elas locais e/ou macro. E assim, realizar conexões entre o conhecimento histórico (História Escrita) e o cotidiano (História Vivenciada). Portanto, cabe afirmar que a experiência docente possibilita um rico cenário de reflexão e debate, em que a teoria e a prática são mecanismos indissociáveis do fazer docente.

**Palavras-chave:** História local. Ensino de História. Relatos de Experiência.

**Abstract:** This study has as its locus the discipline of Supervised Internship II – Heritage Educational Action, from the History Degree course, and the links it has with Local History. The objective is to analyze the mechanisms that intertwine theory and practice in the approach of Local History, through the problematization of the experience reports of Professor Gustavo D'Almeida Lobo (Department of History – Fafidam / UECE), whose methodological motto is the time frame between the years 2010 and 2020, a period in which the teacher carried out educational activities in higher education. For this, it is considered basic to constitute analyzes on the relationship between practice and theory, making it possible to construct analyzes on Local History as a challenging proposal for the Teaching of History. The reports of a dean of experiences make it possible to perceive to what extent the place is related to other historical experiences, which may be local and / or macro. And so, making connections between historical knowledge (Written History) and everyday life (Experienced History). Therefore, it is worth stating that the teaching experience enables a rich scenario of reflection and debate, in which theory and practice are inseparable mechanisms of teaching.

**Keywords:** Local History. History teaching. Experience reports.

O prelúdio dessa pesquisa se dá em 2010, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, *campus* de Limoeiro do Norte, da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Nesse ano, os acadêmicos do PET (Programa de Educação Tutorial) do curso de Licenciatura Plena em História foram convidados pela ANPUH/CE (Associação Nacional dos Historiadores) para ministrar uma atividade denominada “Oficinas Pedagógicas”.<sup>1</sup> Para isso, determinaram como público-alvo os alunos de graduação em História de diferentes Universidades do Ceará e professores da rede pública da região do Cariri, onde aconteceria o XII Encontro Estadual de História do Ceará.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Oficinas Pedagógicas consistia em atividades que promoviam a produção de instrumentos e materiais didáticos, que tinham como eixo temático, a História Local.

As Oficinas Pedagógicas eram coordenadas pelos professores do Curso de História da Fafidam/UECE, o que possibilitou um excepcional aprendizado, permutando na relação discente-docente. Em cooperação com a professora Dra. Ivaneide Barbosa Ulisses, foram traçados temas que pudessem inserir, no debate, principalmente professores da educação básica. Para isso, elencamos a História Local, pensando seus desafios e dificuldades para os docentes no cotidiano de sala de aula.<sup>2</sup>

Nos anos decorrentes, as questões e debates sobre História Local perpassam minha trajetória acadêmica de diferentes formas, em particular, como professora no Curso de Licenciatura em História. Em 2015, em parceria com o professor Gustavo D’Almeida Lobo, ministrei a disciplina de Estágio Supervisionado II – Ação Educativa Patrimonial, na condição de professora substituta na Fafidam/UECE. E, dessa forma, fizeram suscitar questões antigas, acerca das percepções sobre a História Local nas aulas de História.

Nesse viés, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os mecanismos que perpassam entre a teoria e a prática na abordagem da História Local na disciplina de Estágio Supervisionado II – Ação Educativa Patrimonial. Para isso, foram analisados relatos de experiência do professor Gustavo D’Almeida Lobo, mestre em História pela UFPE e professor do Departamento do Curso de História da FAFIDAM/UECE, onde leciona desde os idos de 2010. A experiência do docente no Ensino Superior será utilizada como mote empírico e metodológico no recorte temporal deste estudo.

## **História Local e o Ensino de História**

A década de 1990 configura novas concepções e métodos de fazeres historiográficos; bem como, novas formas de ensinar História. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) constituem novas abordagens para o Ensino de História, elegendo temáticas que buscam possibilitar que o aluno, através de uma maior reflexão sobre o cotidiano, possa compreender a si, enquanto sujeito construtor de conhecimento e protagonista de sua História.

Dessa forma, os PCN’s, buscando superar os modelos de ensino de repasse de informações, encontram, nas microabordagens, a possibilidade de levar às salas de aula, novos fazeres e perspectivas na construção do conhecimento histórico.<sup>3</sup>

Não obstante, os PCN’s, em sua proposta pedagógica, sugerem que a prática docente seja organizada por eixos temáticos para o Ensino Fundamental, sendo o primeiro eixo composto pela História Local e pela História do Cotidiano. Assim,

Considerando o eixo temático “História local e do cotidiano”, a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais. Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem, etc (BRASIL, 1997, p. 41).

---

<sup>2</sup> Essa experiência é relatada de forma integral no seguinte artigo: ULISSES, Ivaneide Barbosa; REGES, Luciana M. Gomes. *Experiências Docentes na aula de História e a construção de oficinas de história local*. In: III Jornadas Internacionales y XIV Nacionales de Enseñanza de la Historia 2012, Río Cuarto. III Jornadas Internacionales y XIV Nacionales de Enseñanza de la Historia, 2012.

<sup>3</sup> Sobre microabordagens, ver: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e Sinais*. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do Século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Em suma, a valorização das práticas de ensino da História Local representou um importante marco inicial na formação do sujeito histórico, que se desprende a noção de História vinculada ao passado, aos grandes homens e suas notáveis realizações.

Nesse sentido, o ensino de História Local configura um importante campo que aproxima o conhecimento histórico (a História Escrita) ao cotidiano (a História Vivenciada). Conforme as autoras Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, uma definição prática para História Local, “(...) de modo geral, as obras sobre História Local reportam-se à história de pequenas localidades, escritas por pessoas de diferentes segmentos sociais, não necessariamente historiadores” (SCHMIDT, CAINELLI, 2004, p. 111).

Na microabordagem, a esfera local se relaciona com outras experiências, tanto locais como de forma macro. Ou seja, nem o local é necessariamente o pequeno, o fixo e o unânime nem encontraremos no macro apenas o diferente, o estranho ao micro. Tais reflexões nos fazem crer, por dois motivos que as relações com o micro e macro permeiam as relações de ensino.

Primeiro... uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. Em segundo lugar, ao propor o ensino de história local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção de identidade tenha marcos de referência relacionais, que dever ser conhecidos e situados, como o local, o nacional, o latino-americano, o ocidental e o mundial (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 112).

Para o historiador Paulo Knauss (2003, p. 11) a articulação entre os estudos de História Local e História da(s) Cidade(s) possibilita uma ampla compreensão e análise da realidade e do cotidiano, pois a cidade “organiza simbolicamente o tempo histórico dos homens, presentificando o passado, sacralizando-o em bases afetivas e inscrevendo-o na paisagem”. Assim, por meio da assimilação de fatores socioculturais diversificados e integrantes da formação de Identidade(s).

A autora Circe Bittencourt (1993), ao analisar o livro didático e sua relação com a produção do conhecimento histórico nas escolas, alude para o perigo de se identificar a História Local somente como História do entorno, do que está próximo no espaço. A historiadora também enfatiza a necessidade de articular a dinâmica das microabordagens com os processos históricos de outras localidades e países.

Para Jaime Callai (1986), o Ensino de História Local é um importante campo no processo de ensino e aprendizagem, pois nele o aluno é detentor de conhecimento, já que naquela realidade, o discente tem um conhecimento amplo, relações, comportamentos, processos, ou seja, é onde o aluno pode compreender as reais dimensões do espaço, tempo e historicidade.

Não obstante, é possível enumerar uma série de dificuldades na ação pedagógica no ensino da História Local, principalmente no que diz respeito às imprecisões dos conceitos que envolvem a relação entre História e Memória. Comumente, em nossas formações sócio-históricas, por razões múltiplas, as obras dos memorialistas são tomadas e cristalizadas como as verdadeiras histórias de seus respectivos municípios. Assim, os docentes da Educação Básica fazem uso desse material sem as problematizações devidas.

Dessa forma, temos como preocupação inicial romper, de certa forma, com a ideia já sedimentada de História Local, em especial, aquela identificada com o trabalho dos memorialistas geralmente vista acriticamente.

Nessa perspectiva, desenvolvemos, com os professores formados e em formação, a possibilidades de problematizar a História Local, as memórias e as experiências de vida. E assim, construir o Ensino de História Local na perspectiva de uma estratégia pedagógica que, pensada a partir da ideia de cotidiano, propicia uma interação e uma apropriação do conhecimento histórico.

Dessa forma, esse artigo analisa a História Local como proposta inovadora para o Ensino

de História nas escolas de Ensino Fundamental do município de Limoeiro do Norte-CE. Para isso, as práticas dos docentes em formação da Fafidam/UECE são problematizadas com o propósito de perceber em que medida o local se relaciona com outras experiências históricas, podendo ser elas locais e/ou macro. Assim, o desenvolvimento de metodologias que aproxima, através das microabordagens, os conceitos de História(s), promove a realização de conexões entre o conhecimento histórico (História Escrita) ao cotidiano (História Vivenciada).

Conforme Doreen Massey (1991), o lugar apresenta singularidades próprias,

(...) há a especificidade do lugar que deriva do fato de que cada lugar é o centro de uma mistura distintas das relações sociais mais amplas com as mais locais. Há o fato de que essa mesma mistura em um lugar pode produzir efeitos que não poderiam ocorrer de outra maneira. Finalmente, todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade dessa história, além de interagir com essa própria história imaginada como o produto de camadas superpostas de diferentes conjuntos de ligações tanto locais quanto com o mundo mais amplo. (MASSEY, 1991, p. 185)

Na compreensão da cientista social supracitada, o sentido de lugar é construído em meio a ligações com outros lugares. A também geógrafa britânica, Doreen Massey destaca ainda impossibilidade de dissociar o global e o local, quando conclui seu texto, com a provocação de que é preciso compreender o sentido global do local e a consciência global do lugar.

Outrossim, o ensino da História Local e a História do Cotidiano desempenha importante exercício de (des)construção de axiomas históricos. Dessa maneira, é possível elucidar os desdobramentos metodológicos das atividades de ensino e pesquisa, realizadas por docentes e discentes, objetivando a construção de historicidades do local.

Na mesma perspectiva, é imprescindível analisar as práticas dos docentes em formação, como a experiência de ensinar, aprender e investigar a História Local, e possibilitar que o mesmo construa linguagens metodológicas alternativas, nos processos de ensino-aprendizagem e avaliativos.

Assim, vale sublinear a notabilidade da formação continuada do docente, que possibilita ao professor a problematização e reavaliação de seus conhecimentos e práticas pedagógicas. E por fim, realizar reflexões de ordem teórico-metodológicas sobre o ensino de História Local e seus motes historiográficos: Memória, História Oral, Cotidiano, Micro/Macro Abordagens, Temporalidades, que entrelaçam os debates sobre o local.

### **História Local: uma metodologia de ensino ou uma abordagem?**

Para o geógrafo Milton Santos (2002), a História Local está intrinsecamente ligada à 'História do Lugar', bem como às perspectivas da História Regional e/ou à Micro-História. Dessa forma, o autor entende que a História Local pode ser compreendida como uma estratégia ou metodologia de ensino, o que possibilita a articulação do cotidiano e local ao nacional. Assim, a História Local é objeto de pesquisa e mote para a produção de conhecimento sobre o passado.

Tais constatações teórico-metodológicas contribuíram para a construção das experiências didáticas que serão realizadas pelos discentes da FAFIDAM/UECE, em processo de formação. Neste viés, a disciplina de Estágio Supervisionado constitui um momento de discussão, investigação e reflexão sobre a História Local como objeto de pesquisa, ampliando o universo cultural e intelectual dos docentes em formação.

Dessa forma, compreendemos o Estágio Supervisionado como,

(...) um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional. Assim, ele é compreendido como campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais (SILVA; GASPARG, 2018, p. 206).

Contextualizando, o Estágio Supervisionado parte de uma percepção da prática do Ensino de História, como uma imbricação entre o conhecimento teórico-metodológico e prático do processo de ensino e aprendizagem. A compreensão que objetiva a disciplina de Estágio Supervisionado e no Curso de História, é que a formação contemple a construção de professores-pesquisadores, transpondo didaticamente o conhecimento histórico produzido na academia para os conteúdos didáticos escolares, ou seja, há um esforço de aproximar a história escrita (ou acadêmica) às experiências cotidianas, vivenciadas pelos alunos.

Dessa forma, as práticas didáticas têm como propósito instigar a transformação das salas de aula em espaços de produção do conhecimento histórico. Para isso se faz necessário sistematizar e problematizar as leituras dos discentes em relação às fontes históricas (documentos escritos, orais, iconográficos, da cultura material e imaterial, entre outras), que compõem o horizonte de experiências deles. Isto é, criar no aluno o sentimento de sujeito produtor de conhecimento, de pertencimento e sujeito construtor da História.

### **História Local: Relatos de experiências**

No intuito de elucidar sobre as metodologias de ensino da História Local, recorremos ao professor cativo mestre Gustavo D’Almeida Lobo, que leciona a disciplina de Estágio Supervisionado II – Ação Educativa Patrimonial, desde 2002 na FAFIDAM/UECE. Por meio dos relatos dele, buscamos analisar aspectos referentes à experiência docente nos componentes curriculares afins ao supracitado.

Todavia, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da FAFIDAM/UECE – *campus* Limoeiro do Norte/CE – não contempla o debate sobre História Local ou Patrimônio Cultural na ementa dos componentes curriculares do curso de Licenciatura em História. Por esse motivo, o colegiado deste curso optou por abranger esta temática na disciplina de Estágio Supervisionado II – Ação Educativa Patrimonial.<sup>4</sup>

Assim, para realização deste estudo, recorreremos a um método denominado História Oral, que constitui na transformação de narrativas orais ou escritas (memórias) em fontes de pesquisa histórica. Conforme afirma Albuquerque Júnior, a memória é singularidade, é discurso, e perpetrada de uma pluralidade de sentidos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

Contudo, recordar o passado também é um ponto de vista, uma percepção que o outro tinha da realidade. Dessa forma, por ser social, a rememoração depende do lugar social ocupado pelo indivíduo. No que se pese a essa lógica, é fundamental enfatizar que as reminiscências são seletivas. Nelas só permanecem os fatos que os indivíduos atribuem significado. Portanto, a memória não possui um tempo cronológico, nela ocorrem confluências de tempos.

Além disso, Alessandro Portelli (1997) decorre acerca dos sinais e marcas deixados pela linguagem e suas variações: pelos tons e volumes, que são delineados pela fala oral. Da mesma forma, lembra-nos de que os silêncios e pausas, que possibilitam ao historiador analisar os vazios e ausências nas narrativas.

Conforme relatado na entrevista, o professor Gustavo Lobo alude aos desafios que emergem a cada semestre, visto que o estágio supervisionado funciona como balizador na formação de futuros docentes. Além disso, propicia o encontro da teoria e da prática no espaço escolar.

O entrevistado também qualifica o desafio como sendo prazeroso e inquietador. Ao adjetivar, ele propõe que reflitamos sobre a História Local como uma temática relevante, constituída por

---

<sup>4</sup> A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (Fafidam/UECE) foi criada no dia 19 de agosto de 1966, por meio da Lei nº 8.557, por iniciativa do primeiro arcebispo da Diocese de Limoeiro do Norte/CE, Dom Aureliano Matos, durante a gestão do então governador do Estado do Ceará, Virgílio Távora. Localizada na cidade de Limoeiro do Norte/CE, no Vale do Jaguaribe, a FAFIDAM é um centro de formação de docentes em diversas áreas das Licenciaturas (Biologia, Física, Geografia, História, Letras Portuguesa e Inglesa, Matemática, Pedagogia, Química), e também de cursos ofertados na modalidade EaD – Educação a Distância.

tensões, contrariedades, singularidades, pluralidades e historicidades. No ensejo, aponta temas de extrema relevância, que acabam sendo esquecidos, menosprezados na vida escolar, sendo alguns deles: cultura, memória, identidade, sentimento de pertencimento e, sem dúvidas, História Local.

Contudo, os saberes/temas – selecionados e considerados legítimos como escolares – atravessam relações de tensões e embates. O esquecimento da História Local, como temática pertencente ao universo escolar, é ocasionado por diversas relações de poder. O que deve ser lembrado? O que deve ser esquecido? Questões como essas, constituem o cerne do debate sobre as intencionalidades na formação do discente.

Não obstante, conforme a entrevista Lobo (2019) destaca a seletividade da memória, como uma construção em meio a contradições.

Cabe ressaltar que na distribuição curricular de conteúdos da Educação Básica, a História Local – dos municípios e do Ceará – é tratada no Ensino Fundamental I, espaço em que a história é abordada por pedagogos e no qual raramente encontramos graduados em história. Assim o tema tratado com a Metodologia da Educação Patrimonial (MEP) já é estranho ao próprio currículo do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, mesmo que sua previsão, como tema transversal, apareça tanto nos antigos PCN's quanto na BNCC. (LOBO, 2019, p. 1)

Consoante a isso, o entrevistado questiona a atuação do pedagogo no ensino História Local nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Para o professor Gustavo Lobo, isso implica dizer que os primeiros saberes do conhecimento histórico não são introduzidos por um historiador. Por esse motivo, é provável que haja, dentre outros problemas, a reprodução dos heróis; a grande narrativa do Estado, com seus feitos, esquecimento e desvalorização do cotidiano; a representação do negro e do índio como vítimas ingênuas; e, assim, nega-se a pluralidade dos fatos históricos. Portanto, “eventos e personagens fora do espaço em que se constrói a identidade cultural dos alunos e, assim, parece algo ainda mais distante deles” (LOBO, 2019, p. 2).

Quando questionado sobre as atividades referentes ao Ensino de História Local, ainda no Fundamental I, o professor Gustavo Lobo destaca a ausência de relatos.

Não temos relatos dos alunos de que os professores que os recebem em suas turmas para a realização das atividades do estágio tenham a educação patrimonial ou mesmo os temas relacionados à história local como conteúdo trabalhado regularmente, a não ser, nas turmas do EF II, quando da comemoração dos feriados municipais e estaduais, momento nos quais uma breve e superficial “pincelada” sobre o fato ou personagem comemorado no feriado é abordado, no mais; a história local praticamente desaparece dos conteúdos rotineiros do EF II e do EM, até porque o Ceará tem reduzidíssimo espaço nos livros didáticos de história do Brasil, aparecendo, tão somente, no episódio do movimento abolicionista (fazendo alusão ao pioneirismo da província) e na República Velha, em função do quadro político e da religiosidade popular ligados à ação do Pe. Cícero (LOBO, 2019, p. 1-2).

Vale pôr em relevo também a dificuldade para obter materiais didáticos que possibilitassem e norteassem a prática docente do Ensino de História Local. Anexa-se a esse debate o desprezo da História do Brasil em relação aos eixos que não compõem sul-sudeste. Assim, a História do Ceará aparece em forma de pontos, em grande medida isolados e descontínuos, e convencionou-se pensá-la como uma História Regional ou Local, em relação ao repertório de História do Brasil.

Malgrado, as adversidades no ensino de História Local que ao longo do tempo foram sendo cristalizadas, há um esforço contínuo no processo de formação do docente em atribuir significado e sentido ao saber histórico.

A tentativa que promovemos, semestre após semestre, é a de fazer com que os discentes percebam a importância e a necessidade de tratar estes temas (cultura, identidade, história local, memória e patrimônio) como forma oportunizar a percepção do valor de sua própria história como ferramenta de constituição de um saber de fato transformador, que liberte os alunos da EB das amarras e condicionantes culturais impostas, que tendem a diminuir o papel das pequenas comunidades em favor das grandes metrópoles, ou diminuir o nordeste em relação ao sul-

sudeste, e, mais ainda, reduzir o papel do Brasil em relação aos EUA e à Europa (lugares onde estão os centros de decisão e os poderes econômico e político) (LOBO, 2019, p. 2).

Em sequência, o professor Gustavo Lobo destaca a importância do caráter libertador que o conhecimento pode promover, no sentido de desnaturalizar as imposições socioculturais constituídas em nossas aldeias relacionais. O exercício de problematizar e desvelar a instância local, também se aplica em outras escalas.

Conforme Luís Fernando Cerri (2001), a consciência histórica, compreendida como uma expressão da existência humana, que não é necessariamente uma mediação teórica ou filosófica do saber, mas um fenômeno que atravessa da hierarquia do conhecimento até uma horizontalidade na vivência da consciência da história, em um sentido não linear. Cerri (2001) destaca o sentido plural que são as compreensões acerca da consciência histórica.

(...) algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraiza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso. (CERRI, 2001, p. 100)

Dentro dessa perspectiva, assim como Cerri (2001), a historiadora Maria Auxiliadora Schmidt (2019) propõe um conhecimento histórico prático sobre a vida do indivíduo. Dessa forma, os saberes históricos constituem uma função prática, uma vez que fornecem uma identidade coletiva e modos de orientação para a vida.

Em seus relatos sobre a experiência docente de formar professores, Gustavo Lobo propõe a importância de uma educação transformadora como princípio basilar na construção do ser-docente. Nas palavras dele,

(...) toda vez que sou levado a pensar nossa ação formadora, fora do espaço institucional de autoavaliação, penso no quanto é essencial o processo de uma práxis fundada na perspectiva da ação-reflexão como expõe Paulo Freire, numa formação que seja constantemente mediada pela reflexão sobre suas práticas, mas também sobre seus impactos no contexto social e na vida dos indivíduos nela inseridos. Estas linhas têm para mim um sentido de reflexão e contribuirão, mais uma vez, para o refazer dos caminhos pedagógico-metodológicos, atitude necessária à manutenção da chama de uma educação transformadora (LOBO, 2019, p. 5).

Não obstante, a ação transformadora se inicia no processo de fazer-sentido, ao desnaturalizar e problematizar a realidade onde o sujeito está inserido. Dessa forma, o docente em formação encontra, no cotidiano, um universo de possibilidades no desenvolvimento do sentimento de pertencimento, de sujeito-agente da História. Consequentemente, esse se sente capaz de transformar, modificar, re-significar a conjuntura social.

Em que se pese o ensino de História Local, promovendo o reconhecimento de identidades, o pertencimento, a desnaturalização, a consciência histórica, entre outros; permanece o desinteresse sobre essa temática, o que constitui uma lacuna na formação do docente. Conforme Lobo (2019), há muitas barreiras e enfrentamentos no ensino de História Local.

A primeira delas é o tempo para a realização do estágio: muitos professores não concedem mais do que duas intervenções por parte dos estagiários, falam que como a educação patrimonial não tem a ver com o conteúdo que ele/ela é obrigado a dar conta, ceder mais do que dois momentos é uma “perda” que eles não teriam como repor; em função disso temos instruído os bolsistas a realizar suas experiências docentes nesse curtíssimo espaço de tempo. Outra dificuldade está na própria essência da MEP, ou seja, realizar atividades fora do espaço da sala de aula, utilizando-se dos objetos culturais materiais existentes na comunidade (prédios, praças, ruas, centros de cultura, museus, bibliotecas, arquivos, etc.), além de objetos culturais imateriais (festejos, práticas religiosas, artesãos e outros mestres detentores de saberes populares, etc.) (LOBO, 2019, p. 2-3).

É importante sublinhar que, apesar de rica em conhecimento, a Educação Patrimonial não é a única forma de abordar o Ensino de História Local. Dentre outros exemplos de possibilidades de o pensar, é oportuno mencionar os estudos sobre a Memória Social da Escola ou da Cidade, produção escrita e oral dos memorialistas, produções literárias e artísticas, documentos e fontes históricas.

## **Formação e Patrimônio Cultural**

Uma questão de supra necessidade, elencada pelo entrevistado, diz respeito à descontinuidade na transposição dos saberes; aos conhecimentos realizados no processo de formação do professor (conhecimento produzido na academia); e a sua prática didática em sala de aula (universo escolar)<sup>5</sup>.

O que podemos compreender é a dificuldade de leitura social dos docentes nas microrrealidades onde estão inseridos. Bem como, ler e interpretar as cidades, as comunidades, e seu Patrimônio Cultural. Essa pouca habilidade em lidar com essas situações resulta no afastamento da temática da História Local das aulas de História.

É nessa direção que o professor Gustavo Lobo narra os procedimentos metodológicos e os modos de interpelar o conhecimento histórico pelas vias do Patrimônio Histórico. Conforme Lobo (2019), a proposta é,

(...) é tomar o patrimônio como tema a partir da qual se desenvolvem os processos cognitivos que produzem o saber transformador que pode servir de fundamento para as transformações sociais necessárias e esperadas. A partir do objeto cultural gerador da atividade os estagiários devem estabelecer relações com outros aspectos da vida social, interligando o objeto à cultura, à política, aos valores, enfim, ao conjunto de aspectos que caracterizam aquela comunidade, percebendo, a partir daí, os significados e a simbologia dos ditos “patrimônios”, numa tentativa de suplantar a visão tradicional de patrimônio e fazendo-os perceber que patrimônio é tanto a matriz da cidade, erguida no início do século XX, quanto a casa de taipa localizada nos arredores da cidade; que tem tanto valor quanto a festa religiosa tradicional ou a procissão que caracteriza a comunidade, as práticas religiosas de cura, realizadas pelos(as) rezadores(as) nas comunidades periféricas ou nos sítios e distritos; enfim tenta-se realizar a tarefa de desnaturalizar o olhar para os objetos que são vistos como patrimônio e tornar visíveis patrimônios até então nunca percebidos por eles, esse processo tende a torná-los mais críticos em suas análises e quiçá isso venha a repercutir em suas práticas quando estiverem à frente de turmas da EB (LOBO, 2019, p. 4).

A educação patrimonial é um processo educativo em torno do patrimônio histórico-cultural cuja finalidade é levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecer, apropriar-se e valorizar a própria herança cultural, preservar os bens e os espaços em que vivem (HORTA, 1999). Oliveira (2008) lista quatro etapas no desenvolvimento de atividades em torno de objetos da cultura material: primeiro, a observação (compreendida com a identificação de objetos, registros, documentos, bens tombados); segundo, o registro (da fala, da escrita, do desenho que observou); terceiro, pela exploração (com a emergência das hipóteses, problematizações, ampliação do foco de pesquisa em outras fontes, como análises e comparações); e, por último, da apropriação (ou seja, a internalização, uma compreensão expressa em recriações por meio da dança, pintura, música, teatro).

Portanto, o contato do discente com os vestígios, sinais, marcas e documentos de diversos tempos é valorativo, já que contribui para a compreensão dos vestígios como fontes históricas: escritas, orais, iconográficas, entre outras. Contudo, vale salientar que é preciso haver mediação necessária entre a escola e/ou instituição de ensino com os parceiros, no sentido de articular projetos para trabalhos de campo, para vivências em museus, arquivos, escolas, casas de memória,

---

<sup>5</sup> Sobre o conceito de transposição didática, Maria Auxiliadora Schimidt compreende como “um processo de transformação científica, didática até sua tradução no campo escolar”. (SCHIMIDT, 2009, p. 35)

redação de jornal, bibliotecas, cinemas, parques, entre outros. (HORTA, 1999)

Em relação às dificuldades, o ensino de História Local esbarra numa cultura escolar que prima pelo livro didático, por aulas expositivas e pela sala de aula, como se fossem algum tipo de bússola norteadora da prática docente. Em consequência disso, prevalece uma cultura escolar enrijecida a novas possibilidades de ensino, de metodologias, de temáticas. O que gera uma fronteira no ensino de História Local.

Não obstante, Lobo (2019) destaca o distanciamento da prática pedagógica realizada por docentes e os debates propostos da formação do mesmo.

Constata-se que o ensino de história nas escolas das redes públicas ainda é bastante arraigado às velhas práticas que fazem o aluno e o professor reféns da sala de aula, do quadro negro – ou branco, do livro didático, da exposição oral, etc. (e fique claro que não vejo problema nelas como uma possibilidade, mas como única...). (LOBO, 2019, p. 3)

Como dito, a ausência do ensino de História Local nas aulas de História põe em relevo os entraves que perpassam o lugar na produção de materiais didáticos sobre História Local em relação aos outros conteúdos, onde muitas vezes é dado aos memorialistas o lugar de elaboração da História das cidades, dos municípios, dos bairros etc.

Entretanto, há desafios em relação à falta de materiais didáticos disponíveis na escola, ou mesmo inexistentes no mercado. Além desses, outros fatores foram agregados como desafiadores para a promoção do ensino do ensino de História Local. Dentre eles, o “engessamento” do currículo escolar, que não contempla interfaces com a História Local, posto que os próprios(as) professores(as) apenas sequenciam o seu programa pautado(as) no cronograma do livro didático. Além do mais, é nítida falta de incentivo das instituições de ensino superior em licenciaturas, seja em promover cursos, seja em incitar publicações, seja em fomentar debates sobre o tema.

## Considerações finais

Dessa forma, os debates elencados nesse artigo sobre a História Local e os diálogos entre a teoria e a prática docente, configuram possibilidades de compreender o espaço da sala de aula para o exercício do ensino e da pesquisa, bem como, pensar o contexto da escola e da comunidade como lócus para formação do docente em História.

Por fim, o ensino da História Local, em sua pluralidade, como elo de aproximação no processo de decodificação do conhecimento histórico (História Escrita) em relação às experiências cotidianas, tidas como ‘comum’. Qual o lugar do Ensino de História Local no espaço escolar (THOMPSON, 1987; CERTEAU, 1994)?

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 39-52.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BITTENCOURT, Circe. *O livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo). São Paulo: USP, 1993.

CALLAI, Jaime Luiz (org.) *Área de Estudo Sociais; Metodologia*. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, 1986.

CERRI, Luis Fernando. *Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história*. *Revista de História Regional* v. 6, n. 2, p 93-112, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras et al. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Museu Imperial/IPHAN/MinC, 1999.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo. *Sorriso da Cidade*. Imagens Urbanas e História Política de Niterói. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003. p. 11.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 176-185.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Patrimônio, memória e ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de et al. *Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços*. Natal: EDFURN, 2008. p. 95-101.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto de História*, São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, n. 14, p. 25-39, fev. 1997

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O historiador e a pesquisa em educação histórica. Dossiê – Metodologia da pesquisa em Educação Histórica. *Educ. rev.* v. 35, n. 74, p. 35-53, mar./abr.2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em salas de aulas de história. *Cadernos CREDS*. Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, 2005.

THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

## **Entrevista**

LOBO, Gustavo D'Almeida Lobô. *Experiência Docente, e sua relação com a História Local*. Entrevista concedida a Luciana Meire Gomes Reges. Data: 16 out 2019. (5 páginas)

## **Notas de autoria**

**Luciana M. Gomes Reges** é doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Teoria, Metodologia e Ensino pelo Instituto Federal do Ceará e em História e Cultura Afrobrasileira pela Faculdade de Selvíria (FAS). Email: lucianamgreges@gmail.com.

## **Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

REGES, Luciana M. Gomes. Por uma História Local: relatos de experiência na formação do docente em História. *Saeculum – Revista de História*, v. 26, n. 45, p. 305-315, 2021.

## **Contribuição de autoria**

Não se aplica.

## **Financiamento**

Não se aplica.

## **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

## **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 30/03/2021.

Modificações solicitadas em 29/11/2021.

Aprovado em 16/12/2021.